

# **Uma História da Filosofia**

## **08 Ética de Platão**

### **Por Dr. Arthur Holmes, do Wheaton College**

Começaremos, portanto, esta tarde com esta questão da alma tripartida. Tripartida significa três partes, o que não é exatamente preciso para Platão. Em nenhum momento, creio eu, ele menciona três partes.

Ele menciona três elementos. Três elementos. São, creio eu, três funções.

Existem três níveis de funcionamento na alma, talvez. E esses três níveis de funcionamento, esses três elementos, são, respectivamente, o intelecto, o espírito (as traduções costumam dizer espírito, mas em nossa linguagem, espírito é uma palavra vaga). Se você está falando de espírito em um contexto teológico, suponho, está pensando em algum ser imaterial.

Não é disso que ele está falando aqui. Se você fala de espírito no contexto do pensamento alemão e europeu, está falando de atividade cultural. A vida do espírito é a vida da cultura.

E não é disso que ele está falando aqui. O mais próximo que consigo chegar, eu acho, é o elemento de vivacidade. Garra.

Iniciativa. Impulso. Nesse sentido, o conativo.

Às vezes usamos a palavra "vontade", mas tendemos a restringir o conceito de vontade simplesmente à capacidade de fazer escolhas. Então, o elemento de vivacidade... você sabe como é um cavalo vigoroso. Ele está sempre pronto para correr, cheio de energia, muita disposição, muita iniciativa.

O elemento impetuoso. E, em terceiro lugar, o elemento apetitivo. Apetites, desejos, vontades.

E eu sugiro que esses sejam três níveis da alma com atividades correspondentes. Porque, obviamente, os animais têm desejos. Vontades.

Apetites. Impulsos instintivos. E assim por diante.

E você poderia falar de um cavalo espirituoso, mas não de um cavalo racional. Portanto, visto que alma é uma palavra que se aplica a todos os seres vivos, quando se fala de humanos, é preciso reconhecer que existe um nível de alma nos humanos que não existe em outros seres vivos. E esse nível de alma distintamente humano é o racional.

Então, nesses três níveis da alma, três elementos, se preferir, é o racional que distingue a alma humana. Quando chegarmos a Aristóteles, veremos que ele fala da alma racional como distinta da alma sensitiva, a alma que tem experiência sensorial, como os animais. Sim.

Mas esses três elementos, então, e de maneira característica, porque alma e corpo estão unidos nesta vida, ele localiza esses três elementos em diferentes partes do corpo. Assim, o intelecto, obviamente, estará localizado na cabeça. O espírito, a vivacidade, no peito, onde o coração bate forte com excitação, expectativa e energia.

E o apetite no estômago, nos intestinos, nas vísceras, no sistema digestivo, é afetado pelas nossas emoções. Então, essa é a psicologia primitiva dele, por assim dizer. É uma espécie de antecipação da psicologia das três faculdades que se desenvolveu no século XVIII, caso você esteja familiarizado com ela.

Intelecto, vontade e emoção eram as palavras que usavam para se referir a isso. Mas é uma antecipação disso, não é a mesma coisa. Ora, visto que esses são três elementos da alma, existem, correspondentes a cada um dos três elementos, suas atividades apropriadas.

E é um bem apropriado. É o seu télos, o seu objetivo. É o seu propósito natural.

É o bem natural. Entende ? Enquanto o télos, o objetivo do intelecto em seu desenvolvimento, é alcançar a sabedoria, o bem, o ideal para os corajosos, é ser destemido.

E o bem, o funcionamento adequado dos apetites, é a temperança. Ou autocontrole, como também é chamada. E dessa forma, ele identifica e começa a desenvolver uma ética.

Porque aqui estão três virtudes. Três das quatro virtudes gregas clássicas. Agora, lembre-se de que, no contexto geral, os gregos estavam interessados nessa noção de uma unidade ordenada com a ideia de justiça cósmica.

Um cosmos que possui tamanha harmonia, equilíbrio e unidade que pode ser chamado de universo justo , justiça cósmica. E uma cidade-estado que é harmoniosamente ordenada e unificada, de modo que pode ser chamada de sociedade justa. Da mesma forma, um ser humano, um indivíduo, cujos elementos da vida, da alma, são tão harmoniosamente ordenados e equilibrados que pode ser chamado de pessoa justa .

Assim, a pessoa justa é aquela em quem esses três elementos desempenham suas respectivas funções corretamente. Com o resultado, você tem uma vida

harmoniosamente ordenada. E para que desempenhem suas funções corretamente , o intelecto, é claro, a razão, deve prevalecer.

Ou seja, é preciso guiar, orientar os impetuosos. Para que não se desviem em todas as direções sem rima nem razão, mas sejam guiados pela razão, recebam direção. Energia ilimitada sem direção racional é pedir para ter problemas.

A energia ilimitada, sem direção racional, tende a ficar sob o controle das emoções , das paixões , dos desejos . Entende? Portanto, o espírito precisa ser guiado pelo intelecto, e então o espírito pode direcionar suas energias racionalmente para controlar os apetites.

O controle dos apetites . E a preocupação central que permeia toda a República de Platão é a questão de como, em uma sociedade justa, controlaremos os desejos, apetites e interesses pessoais humanos? É a grande questão do pensamento político. Como podemos impedir que o egoísmo saia do controle? E isso ainda nos acompanha, seja quando falamos do setor bancário ou dos problemas com a distribuição de serviços de saúde nos Estados Unidos.

Não foi Coopsey, ou foi Johnson, quem disse na segunda-feira à noite que todos os cinco elementos da situação são culpados? Interesse próprio descontrolado. Entende? A grande questão.

Então, esta é a análise dele sobre a alma humana. Ora, os documentos que acabei de reunir, seus esboços do Fedro, devem mostrar que você sabe tudo sobre isso. Porque, embora ele apresente a questão dessa forma na República, isso se reflete no Fedro, naquele mito dos cavalos alados.

Você se lembra? Aqui está uma carruagem puxada por dois cavalos alados, guiada por um cocheiro, voando alto em direção à visão desimpedida, livre e ininterrupta do sol, em todo o seu brilho e beleza. O problema é que um dos cavalos está sempre indomável, correndo atrás disso, daquilo, e o outro, do que bem entender. Entende?

Os apetites. E o outro cavalo tem força para controlá-los. Mas conduzir uma parelha de cavalos é uma arte que na sociedade moderna desconhecemos.

Alguém aqui já conduziu uma parelha de cavalos? Bem, um, dois, reparem que são os mais velhos. Dizem que, ao conduzir uma parelha de cavalos, é preciso dar a liderança ao que naturalmente lidera, aquele que tem força para controlar os outros. Que toma a iniciativa.

Assim, o cocheiro representa o intelecto. Conduzir a parelha corretamente dá a liderança ao cavalo vigoroso, que é capaz de controlar e liderar, esse é o termo, ao

cavalo com apetite. Dessa forma, o conjunto não só consegue se manter à tona, mas também progredir.

E, claro, lembre-se de que, quando erram, caem em desgraça. E se caírem de vez, têm que recomeçar do zero, e se isso acontecer, iniciar outra vida. A imagem das encarnações sucessivas.

Assim, o mito do cocheiro é a sua maneira gráfica de falar sobre a luta da alma humana. A busca pelo bem . Bem, a alma tripartida, então, ocupa a sua atenção.

E observe que a alma não é, portanto, apenas uma entidade passiva que reage às circunstâncias ambientais. A alma é uma entidade ativa que busca seu propósito, seu bem, sua meta. Ela é orientada para objetivos .

Teleológico. Bem, o ponto restante sobre a alma é essa questão dos dois amores. Isso já está implícito na discussão em Thedras , não é? Que se os apetites estão voltados para o que está abaixo, você desce.

Berço e tudo. Entende? Mas se o amor , se o desejo, estiver voltado para as coisas celestiais, entende, graças à orientação do intelecto, com os olhos fixos nessas formas ideais e, por fim, na forma do bem, naquilo que é a própria beleza, entende, com os olhos no objetivo, com os olhos no prêmio, então você progride.

Dois amores diferentes. A palavra para amor que ele usa em ambos os casos é o termo eros. Desejo.

A questão é o que você deseja. O que você quer. Qual é o desejo mais elevado? O desejo supremo.

O amor supremo. Ao qual outros amores contribuem e do qual eles brotam. O que é o amor mais elevado? E esse é um tema abordado por escritores cristãos.

Santo Agostinho. Algum de vocês já leu as Confissões dele? Se não, leiam. Sabem, quando terminarem de ler a República, vão ler as Confissões.

E, sabe, você poderia lê-lo como um clássico da vida espiritual . Na verdade, é sua autobiografia tanto filosófica quanto espiritual. Mas se há uma grande impressão que se tem ao ler as Confissões de Agostinho, é a de que ele está dividido entre dois amores.

Ele está dividido entre dois amores. Refletindo muito a visão platônica. Mas seja qual for o amor, em ambos os casos, é o amor da alma que move o indivíduo.

Somos movidos principalmente por aquilo que amamos. Você verá. Portanto, para compreender a visão de Platão sobre a alma e sua peregrinação, é preciso entender a relação entre conhecimento e amor.

Eu disse guiado pela razão, mas motivado pelo amor. Entendeu a ideia? Você vai ver. Há passagens em Platão que levaram algumas pessoas a dizer que, segundo Platão, se você sabe o que deve fazer, você pode fazê-lo.

Ora, isso não se aplica a Platão como um todo. Não basta conhecer o bem. É difícil praticá-lo a menos que se ame o bem.

Você verá. Então, a questão que precisa ser levantada quando falamos sobre o aprimoramento da alma é: como fazer com que as pessoas amem o bem? Não apenas conheçam o bem, mas amem o bem. É uma questão crucial.

E você pode ver que ele está falando aqui sobre o que chamamos de valores. Desenvolver valores. Transmitir valores.

Educação em valores. A palavra "valor" pode funcionar como um substantivo. É um ideal que dizemos que devemos buscar.

Mas a palavra "valor" também pode funcionar como verbo. Valorizar algo. Amar algo.

Valorizá-la. Desejá-la. Almejá-la.

Você vai ver. E Platão foi pego em ambos os casos. É preciso conhecer o bem, mas também é preciso amar o bem.

Ambos. Ora, é evidente que é o cocheiro quem dá a orientação. Mas não é o intelecto em si que tem o poder de governar os desejos desenfreados.

Desse cavalo indomável. Portanto, a concepção de Platão sobre a vida da alma não se baseia em conhecimento puramente objetivo ou factual. Não se trata de discussões puramente teóricas.

Tem que haver algo mais além disso. O que Platão descreve é uma mente, um intelecto repleto de admiração. Você verá.

Cheio de admiração. Ele não fala de saber, mas de contemplar. O pensamento contemplativo é o tipo mais elevado de pensamento.

Agora, não se trata apenas de resolver as equações. Trabalhe nas demonstrações lógicas. Desafie todos os seus amigos com a dialética.

Não, contemplar não é apenas identificar o que é bom, mas se deleitar com isso. Você verá. Refletindo sobre isso.

Refletindo sobre isso. Observando sobre isso. Absorvendo isso.

Vagando sem rumo. Contemplando com admiração. Sabe, esse é o tipo de experiência que temos diante da beleza natural.

Já falei disso antes? Diante da beleza natural? Não. Lembro-me de uma ocasião na Segunda Guerra Mundial. No convés superior de um navio de transporte de tropas, em algum lugar na costa da Islândia.

Um dia, em novembro. Para nos manter longe de encrencas, nos colocaram de guarda no convés superior. Nunca entendi muito bem por quê e do que estávamos nos protegendo.

Acho que era só para nos manter longe de problemas. Mas me lembro de estar de guarda lá no convés superior desse navio de transporte de tropas. Um transatlântico da Cunard convertido.

No meio da noite. Um céu sem estrelas. O frio do Ártico.

A superestrutura do navio balançava suavemente contra o céu noturno. Nenhuma luz acesa em lugar nenhum do navio ou em qualquer outro lugar. Afinal, vocês...

Sabe, eu fiquei ali parado, completamente maravilhado. Até onde a vista alcançava. Estrelas, estrelas, estrelas.

Mover delicadamente a superestrutura do navio. É nesses momentos que a mente se enche de admiração. De encantamento.

A sensação de admiração. Não diria prazer. Porque, francamente, no fundo da sua consciência, você se pergunta o que existe lá fora, na escuridão.

Mas maravilhe-se. Ora, é esse tipo de atitude que Platão busca. Que a mente deveria ter.

Com relação ao bem. Você diz, bem, parece uma espécie de maravilha religiosa. Sim.

E foi isso que os escritores judeus, cristãos e muçulmanos captaram. Veja bem, no desenvolvimento da literatura mística da Idade Média, eles descreveram a admiração contemplativa por Deus em termos de contemplação platônica.

Bem, cheio de admiração, de amor pelo bem. Veja bem, lembre-se de que a virtude do intelecto não é apenas conhecimento. No sentido de informação acumulada ou algo semelhante.

É sabedoria. A sabedoria que resulta não apenas da aquisição de conhecimento, mas de um deleite contemplativo no bem. De modo que buscar o bem se torne parte do seu ser.

Sabedoria. Bem... a sabedoria se torna uma espécie de discernimento. Uma capacidade praticada para fazer julgamentos sensatos.

Em casos particulares . Com convicção moral ou estética , conforme o caso . E uma mente repleta desse tipo de admiração e sabedoria naturalmente guia o espírito e controla os apetites.

Pensamentos autodisciplinados. Entende? Bem, outra coisa que você talvez pergunte sobre o Thedrus é... O que é aquela longa e tediosa seção final sobre retórica? Todos os tipos de funções da retórica.

Sabe, por um tempo eu pensei: "Não, melhor não dar a eles a tarefa de ler essa parte final". Mas depois decidi que ter que lidar com ela seria não apenas um bom exercício de autodisciplina para a alma, mas também uma forma de reforçar ou consolidar a compreensão .

Há uma diferença entre retórica e dialética. Veja bem, a retórica sem dialética é uma ferramenta dos apetites .

Manipulador. Uma forma de conseguir o que se quer. Seis lições simples sobre como vencer uma discussão, conquistar amigos e influenciar pessoas.

Não, se a retórica deve ser salva disso, deve ser em virtude da operação da dialética. O cultivo da sabedoria. E assim, completamos o ciclo em nosso pensamento sobre Platão, retornando ao ponto de partida com os psionistas.

Sua epistemologia. Precisamos do conhecimento dos ideais por meio da dialética. É à luz desse tipo de consideração que os pitagóricos, foi ...

Os pitagóricos, talvez o próprio Pitágoras, cunharam o termo filosofia. Literalmente, o que é filosofia? É o amor pela sabedoria. Entende?

Agora, uma observação. Há pouco, eu disse que o amor para Platão é eros, desejo. Ah, mas aqui está outro termo.

Não Eros, mas Fileo, Filea, o substantivo. E Fileo é um tipo de amor de amizade. Onde você ama algo por si só.

Não por querer, mas por você. Você adora por si só.

É disso que se trata a amizade . E a filosofia é o amor pela sabedoria pela sabedoria em si. Ou, se preferir, pelo bem em si .

Mais do que uma questão de apetite. Interesse próprio. Amor à sabedoria.

Certo, algum comentário até agora? Sim, Ruth. Pelo que entendi, a alma de Platão era dividida em diferentes classes. Quando você fala sobre perceber o bem e amar a maravilha, você diria que é uma questão de fé , dependendo de qual alma entrou em nossa existência? Não, não diga qual alma entrou na sua existência.

Você é uma alma que possui um corpo, não um corpo que recebe uma alma alienígena. Não, o que você é, o que você era. Sim, bem, é assim que funciona a reciclagem das almas.

É uma palavra estranha, não é? Reciclagem de almas. O modo como funciona, veja bem, é uma questão de recompensa e punição. Assim, se você for uma boa pessoa nesta vida, poderá se tornar uma filósofa na próxima.

Sim, e não há sentido em que todos começemos no mesmo ponto. Na peregrinação. Porque se numa escala de um a dez, veja bem, numa existência anterior, você passou de três para quatro.

Bem, é provável que você tenha um começo muito melhor na próxima vida do que se tivesse começado com cinco anos e caído para quatro. Só porque ambos terminaram com quatro anos não significa necessariamente que começarão em pé de igualdade na próxima vez. Mas existe o conceito de destino? Não, eu não chamaria isso de destino.

Destino implica algo cego. Lembra quando falávamos sobre os poetas gregos, as peças gregas e assim por diante? Existia o conceito de destino como algo cego.

Mas gradualmente cedeu lugar a um conceito de justiça cósmica. E este, em Platão, é o conceito de justiça em ação, não o destino cego. Acho que não me ficou claro quando ele falava sobre as almas e a qual deus elas se associavam quando estavam na existência celestial.

A noção de queda da alma em Platão pode ter dois sentidos diferentes. Pode significar a decadência moral. Ou pode significar simplesmente o fato de estar encarnado.

E perder as liberdades que isso acarreta. Mas não, isso faz parte do quadro da justiça cósmica. Vamos ver, Ryan.

Eu estava tentando conciliar os dois usos diferentes de como ele intercala a filosofia e esse eros pela verdade. Eles parecem um tanto contraditórios, mas ambos parecem ser verdades positivas em sua filosofia. Bem, se na escala você está aqui embaixo e tem um eros pela verdade, pode parecer um eros egoísta.

Quando você chegar a esse ponto, seu interesse deverá ser menos egoísta e mais voltado para a aceitação do fracasso. Não que o eros em si seja ruim. Mas, em vez de buscar o desenvolvimento da virtude, você se deleita no bem por si só.

Entenda a diferença, e esta é uma distinção aristotélica, entre o que é intrinsecamente bom e o que é instrumentalmente bom. O bem intrínseco é algo que é desejado por si mesmo. O bem instrumental é desejado em função de algo mais.

A noção de Eros pode ser simplesmente tratar tudo como instrumental. Pode ser. Não é necessariamente, mas pode ser.

Enquanto a philia não trata as coisas como instrumentais, a amizade trata o indivíduo como um valor em si mesmo. Ela dialoga com a forma como a lysis trata especificamente da amizade.

E talvez você queira lê-lo para obter um contraste com o simpósio. No simpósio, você encontra os dois tipos de amor em contraste. Nos primeiros discursos, é tudo eros de um tipo inferior.

E então, quando Sócrates faz seu discurso final, ele fala sobre o amor pela própria beleza, pela sabedoria e assim por diante. Mas na lise, ele discute o que é a amizade. O que é amizade? E o amor nesse sentido.

E ele fala da arte própria dos amantes, da atividade própria dos amantes, como dialética. Dialética, sim. Porque a amizade, como ele a concebe, é uma busca conjunta pela sabedoria.

Do bem. Pelo bem em si mesmo. Isso é amizade.

Não se desejarem mutuamente. Embora isso possa existir. Mas o que torna isso distintamente amizade, no sentido dele, é que vocês se unem na busca pela sabedoria.

Na busca do bem . Às vezes, deveríamos fazer um seminário sobre amizade. Aristóteles tem uma vasta obra sobre o tema.

É uma noção que, nos dias de hoje, nós, creio eu, banalizamos. E, como resultado, perdemos muita coisa. Muito bem, vamos ao último desses temas.

A boa vida, onde incluo mais ética. Certamente, seu pensamento político. Mais sobre estética.

Na verdade, tudo contribui para o que é sua preocupação primordial, ou seja, o aprimoramento da alma. E a alma é valorizada, é o foco, porque é eterna, ao contrário do corpo. Está aprisionada, precisa de grandes melhorias, precisa ser libertada.

O ideal para a alma, em sua busca pelo amor ao bem, é ser como o bem. Ser como o bem é ser como a forma do bem. E como em alguns de seus escritos posteriores ele identifica a forma do bem com Deus, ser como o bem é ser como Deus.

E há um trecho em que ele fala da imitação de Deus. Essa é outra expressão que se tornou parte da linguagem da espiritualidade cristã. Tomás de Akempis, na Idade Média, escreveu uma obra que se tornou um clássico sobre a imitação de Cristo.

Veja bem, a imitação de Deus é o tema de Platão. Mas como isso é possível? Bem, obviamente, pelo cultivo das virtudes. Virtudes como sabedoria, coragem, temperança, justiça e todas as outras.

E você se lembra daquela lista de diálogos platônicos, com tantas outras virtudes. O que é uma virtude ? O termo que ele usa é arité, que significa simplesmente uma qualidade, uma excelência. Qualidade, uma excelência .

Em outras palavras, ter virtude é ser bom. A filosofia de Platão não é primordialmente uma ética de tomar as decisões certas, mas sim de ser o tipo certo de pessoa.

Trata-se, em sua essência, de uma ética da virtude, e não de uma ética das ações. A virtude é uma excelência da alma. A alma possui virtude quando, em seus elementos, esses elementos atingem sua função própria e natural.

Entende? E essa função se torna uma disposição habitual da alma. Temperança.

Coragem. Sabedoria. Ou, se estivermos falando de outras virtudes, respeito pelos outros.

E assim por diante. E em alguns de seus diálogos, ele explora a questão da relação entre as diferentes virtudes. Seria isso apenas uma miscelânea, como um saco de bolinhas de gude? Ou existe algum tipo de unidade ordenada entre as virtudes? Veja bem.

Sua resposta na República é, sim, que a justiça é a unidade ordenada das virtudes. E a justiça é alcançada quando a alma é governada pela razão, e assim por diante. E quanto ao papel do prazer, o lugar do prazer, então, na boa vida? Platão trata disso em dois de seus diálogos, o Górgias e o Febo, pelo menos nesses dois.

Górgias e Filebo. E embora ele rejeite a noção de que o prazer seja o bem supremo, ele ainda vê o prazer como algo bom. Um bem.

Mas não o bem supremo. É a criatura apetitiva e egoísta, sempre tentando satisfazer seus próprios desejos, que faz do prazer o bem supremo. É isso que se conhece como hedonismo.

O objetivo supremo é o hedonismo, o prazer. E Platão critica o hedonismo como uma visão equivocada do que é bom para os seres humanos. Os seres humanos são mais do que simplesmente seres apetitivos.

E, como resultado, o prazer não é o bem supremo. Os apetites não são a parte mais elevada da alma humana. Portanto, satisfazer os apetites não é o bem supremo.

O hedonismo é um erro. E ele ressalta que nem todos os prazeres são bons. Existem prazeres bons e existem prazeres ruins.

E, na medida em que fazemos julgamentos morais sobre diferentes tipos de prazeres, não pode ser que o prazer em si seja o bem. Deve haver algum bem pelo qual o prazer seja julgado. Ora, na psicologia moral, o fato é que existem alguns prazeres superiores, mais enriquecedores.

Os prazeres da contemplação. Os prazeres da vida intelectual. O fato é que o prazer é um subproduto de atividades superiores.

Um subproduto da atividade que coroa, que finaliza a boa vida. É como a cereja do bolo, e não o bolo em si. É um subproduto, e não um fim em si mesmo.

Assim, Platão tem essencialmente a mesma visão sobre o lugar do prazer que se encontra, por exemplo, no livro de Eclesiastes, onde o sábio comenta que, por mais que seu coração desejasse, ele se abstinha. Era tudo vaidade, uma perturbação da alma.

Não havia lucro algum debaixo do sol, entende? E, por outro lado, não há nada melhor do que desfrutar das coisas boas como dádivas de Deus com sabedoria, reconhecendo o que esse prazer pode significar em termos de amor ao bem.